

Um estudo por fazer

J. Roberto Whitaker Penteadó

A pior escravidão é a mental. - Bob Marley

Já escrevi algumas vezes - neste mesmo espaço - a respeito de como o longo período de escravidão, que caracterizou as relações sociais e econômicas do país durante cerca de quatro séculos, continua tendo sido mal-estudado e mal-interpretado pelos nossos estudiosos e intérpretes. E, no entanto, é impossível abstrair essa consideração em qualquer análise que se faça sobre a nossa identidade. Não me lembro de ter lido, sequer, a simples informação histórica de que o Brasil é o único estado nacional moderno, de alguma importância, erigido sobre uma base escravocrata. Houve apenas três grandes focos de organização escravista que subsistiram até o Século 19, além do Brasil: o sul dos Estados Unidos e as Antilhas. Esta região fragmentou-se numa multiplicidade de territórios; a Confederação americana foi vencida e "anexada", através de uma guerra de verdade, nunca chegando a existir como nação independente. Restamos nós.

Outro aspecto é que a questão tem sido abordada, pelos estudiosos e pesquisadores, tanto aqui como no exterior, principalmente através de um enfoque étnico, posto que os escravos, no Brasil, eram negros de origem africana, e os senhores - na maioria - brancos, de origem européia. Entre esses, pontifica Gilberto Freyre, cuja importância não se questiona, mas que encerrou o tema na camisa de força da casa grande e da senzala... Indevassado ficou o elemento mais importante: a relação entre o ser humano livre e o ser humano escravo, presente em toda a história da civilização, desde as suas mais longínquas origens. Um dos principais pesquisadores contemporâneos sobre o assunto, Orlando Patterson, escreveu que "dessa relação, nenhuma das partes saiu ileso"...

Talvez, no futuro, na medida em que progridam novas idéias do que pode - ou deve - ser considerado como "politicamente correto", sejam feitos novos estudos - ou corrigidos alguns dos anteriores. Pessoalmente, gostaria até de participar deles. Seja como for, quero aproveitar o artigo deste mês para registrar algumas áreas em que novas luzes poderão surgir:

1. Conceito e valorização social do trabalho e do trabalhador. Empreendedores, empresários e biscateiros.
2. Relações de trabalho nas instituições - noções de chefia e de subordinação. Os discursos - individual e coletivo - nas comunicações de trabalho. O medo ao castigo como motivação de pessoas livres.
3. Relações de trabalho na família - sobretudo a enorme importância que adquiriu, no Brasil, a empregada doméstica. O ambíguo papel da mulher - entre "sinhazinha" e/ou dona-de-casa. Copa, cozinha e "dependências". A permanência das babás. O domicílio fechado e gradeado.
4. Cidadania, participação e representação. Eleições e voto.
5. Governo e Estado - quem serve e quem manda. O funcionário público: feitor ou servidor?
6. Conceito de "povo". Brasil, país sem povo (Louis Couty). O povo como "nós" ou "eles".

Poderia ser mais longa, a lista. Aceito colaborações - em especial de pesquisadores, mestrandos, doutorandos, etc.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?ID=531>>. **Acesso em:** 22 jul. 2009.